

**AS PREPOSIÇÕES NA GRAMÁTICA PRESCRITIVA E NO LIVRO DIDÁTICO  
DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): UMA ANÁLISE SOB A  
PERSPECTIVA EPILOGUÍSTICA**

Tânia Amâncio Ferreira FERNANDES<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)  
taniaamancioff@gmail.com

Tereza Cristina Gonçalves da SILVA<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)  
tereza.silva@prof.ce.gov.br

Maria Vanice Lacerda de Melo BARBOSA<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)  
maria.vanice@professor.ufcg.edu.br

**RESUMO:** As categorias gramaticais têm sido objeto de análise de muitos estudiosos da linguagem. Entender como são abordadas tais categorias no livro didático é eixo de discussão que promove um olhar mais atento no que se refere ao ensino de língua portuguesa na sala de aula. Logo, faz-se imperativa uma abordagem acerca do estudo das preposições proposto na Gramática tradicional do Português “Aprender e praticar gramática”, do autor Mauro Ferreira (2019), para o Ensino Regular, e no Livro Didático da Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Médio, Linguagens e Culturas, da autora Neide Aparecida de Almeida (2013)<sup>4</sup>. Este artigo tem como objetivo analisar e comparar as concepções acerca das preposições na Gramática Prescritiva/Normativa e no Livro Didático trabalhado na modalidade EJA – Médio. Mais especificamente, pretende-se investigar a forma como as preposições são expostas e explicadas e em que perspectiva(s) essas categorias são abordadas: na metalinguística ou na epilinguística. Desse modo, esse estudo tem cunho qualitativo e interpretativista, utilizando o método comparativo. A revisão da literatura está ancorada nas teorias de Possenti (1999), Travaglia (2001), Ferreira (2019), Almeida (2014), entre outros. Em suma, a partir da análise e da comparação dos dados, foram constatadas deficiências na explanação das preposições, na gramática normativa e, ainda, observou-se discrepâncias acerca da descrição de tais conteúdos nos livros analisados. Portanto, esta pesquisa revela que a forma como o conteúdo das preposições é tratado ainda tem fortes raízes metalinguísticas.

---

<sup>1</sup> Mestra em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Professora do Centro de Educação de Jovens e Adultos Gov. Luiz Gonzaga da Fonseca Mota, em Iguatu – CE.

<sup>2</sup> Mestra em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Professora do Centro de Educação de Jovens e Adultos Gov. Luiz Gonzaga da Fonseca Mota, em Iguatu – CE.

<sup>3</sup> Doutora em Linguística. Professora do Magistério Superior da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

<sup>4</sup> O livro da EJA não possui outras datas de publicação, somente 2013. Este é o livro que é usado atualmente no CEJA da cidade de Iguatu-CE.

**PALAVRAS-CHAVE:** Preposição; Gramática; EJA; Epilinguagem; Metalinguagem.

**THE PREPOSITIONS IN PRESCRIPTIVE GRAMMAR AND IN THE YOUTH AND  
ADULT EDUCATION TEXTBOOK (EJA): AN ANALYSIS FROM THE  
PERSPECTIVE EPILINGUISTIC**

**ABSTRACT:** Grammatical categories have been the subject of analysis by many language scholars. Understanding how these categories are approached in the textbook is an axil of discussion that promotes a closer look at the teaching of the mother tongue in the classroom. Therefore, it is necessary an approach about the study of prepositions proposed in the traditional grammar of Portuguese “Learning and practicing grammar” by the author Mauro Ferreira (2014), for Regular Teaching and in the textbook of Youth and Adult Education (EJA) - High School, Languages and Cultures, of the author Neide Aparecida de Almeida (2013). This article goal to analyze and compare the concepts about prepositions in Prescriptive/Normative Grammar and in the textbook worked in the EJA modality - High School. More specifically, we intend to investigate how prepositions are exposed and explained and in what perspective(s) these categories are approached: in metalinguistics or in epilingualistics. Thus, this study is qualitative and interpretative, using the comparative method. The literature review is anchored in the theories of Possenti (1999), Travaglia (2001), Ferreira (2019), Almeida (2014) and others. In short, from the analysis and comparison of the data, deficiencies were found in the explanation of the aforementioned content, in the normative grammar and, also, discrepancies were observed regarding the description of such content in the books analyzed. Therefore, this research reveals that the way in which the content of prepositions is treated still has strong metalinguistic roots.

**KEYWORDS:** Preposition; Grammar; EJA; Epilanguage; Metalanguage.

## **1 INTRODUÇÃO**

As preposições desempenham um papel fundamental na estrutura linguística do texto, relacionando termos e expressões dentro de enunciados. Essa categoria gramatical é apresentada na gramática normativa/prescritiva, que busca estabelecer normas e padrões para o correto emprego das regras da língua. A gramática normativa, conforme afirma Amparo (2016, p. 23-24), “apesar de ‘beber’ na fonte da descrição dos fatos linguísticos, é

prescritiva, ou seja, apresenta como resultado - não suscetível a questionamentos ou observações dos fatos de interação - um conjunto de regras que deve ser seguido”.

Por outro lado, na perspectiva epilinguística, estuda-se a língua a partir dos usos e de práticas que se realizam na e pela própria língua. Para Franchi (2006, p. 97), uma atividade epilinguística centra-se na “prática que opera sobre a própria linguagem, compara as expressões, transforma-as, experimenta novos modos de construção canônicos ou não, brinca com a linguagem, investe as formas linguísticas de novas significações”.

No caso das preposições, estudá-las a partir de atividades epilinguísticas é buscar refletir sobre seus sentidos e significados em diferentes contextos comunicativos. Seguindo esse viés, nesta pesquisa, intencionamos analisar as abordagens das preposições sob essas duas perspectivas, buscando identificar como essa categoria gramatical é tratada em uma gramática prescritiva e no Livro Didático da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Inicialmente, apresentamos algumas concepções de gramática, segundo os postulados de Antunes (2002) e de outros autores, a exemplo de Possenti (1999) e de Travaglia (2001). Além disso, revisitamos a BNCC, base para as discussões teóricas sobre gramática.

Em seguida, traçamos uma análise das concepções sobre as preposições presentes na Gramática Prescritiva ou Normativa<sup>5</sup> e no Livro Didático<sup>6</sup> adotado na modalidade EJA – Médio. Logo, o eixo de discussão mais específico são as abordagens apresentadas em ambos os materiais didáticos no que se refere ao ensino das preposições.

Empreendemos, assim, um estudo comparativo para averiguarmos como se dá a explanação de conteúdos relacionados às preposições na gramática e no Livro Didático, para, então, analisarmos e discutirmos a perspectiva de cada abordagem: metalinguística e

---

<sup>5</sup> FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo: FTD. 2014.

<sup>6</sup> ALMEIDA, Neide Aparecida de. **Linguagem e códigos: linguagens e culturas**. Coleção Viver, Aprender. Ensino Médio. Educação de Jovens e Adultos. São Paulo: Global, 2013.

epilinguística.

## 2 AS GRAMÁTICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

A gramática faz parte do nosso dia a dia, pois, enquanto falantes de uma língua, munidos da capacidade de comunicação, falamos, escrevemos ou lemos, seguindo convenções e regras da língua. Nesse sentido, Antunes (2002, p. 129) traz a seguinte reflexão:

A atividade verbal, na sua dupla modalidade de fala e escrita, implica necessariamente o saber gramatical. Ou seja, toda atividade se realiza a partir de padrões estabelecidos por uma gramática, mesmo que os usuários da língua, por acaso, não tenham conhecimento explícito das regras que utilizam.

Em conformidade com a autora, a gramática tem como função organizar a língua e fornecer padrões de escrita e de fala para os falantes dessa língua, além de prover os significados das palavras e de termos que são utilizados, sendo, no entanto, algo estático e engessado. Segundo Bechara (2011), sendo a linguagem um código de comunicação entre os homens, é natural que as unidades linguísticas tenham, além de sua expressão material (suas formas), seu significado, isto é, seu conteúdo. Os estudos gramaticais advêm dos gregos antigos e, desde então, utilizamos a gramática para falar, escrever, estudar a língua e compará-la a outras línguas. Hoje, ela ainda faz parte do nosso currículo escolar, como um dos componentes da nossa Língua Portuguesa, ao lado dos estudos de Literatura e de Redação. Por isso, segundo Possenti (1999, p.17), o estudo da gramática é “um divisor de águas entre as diversas posições em relação ao ensino de língua na escola”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (Brasil, 1998), documentos que compunham a grade curricular de uma instituição educativa, já preconizavam que a

gramática deve ser ensinada de forma contextualizada com as práticas da língua, e não apenas teoricamente. Não se deve, portanto, utilizar apenas a gramática tradicional como referência, pois esta limita-se a descrever e dar nomes às classes gramaticais e prescrever normas de usos da língua.

Hoje, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, documento homologado em 2018, e que rege a Educação Básica de todo o Brasil, orienta o ensino de língua portuguesa com foco nos diversos usos efetivos da língua, demandando o protagonismo dos discentes. A gramática, nesse sentido, deve ser tratada e compreendida tendo em vista o funcionamento da língua, ou seja, a gramática não pode ser tratada com o fim em si mesma.

Quanto aos tipos de gramática a serem utilizadas em aula, Possenti (1999) aborda as gramáticas normativa, descritiva e internalizada. Segundo o autor, a gramática normativa apresenta as regras da língua portuguesa na sua forma “cultura de prestígio”. Esta, por sua vez, é considerada a forma de falar de nível mais elevado socialmente, um modelo a ser seguido, pois não admite outras maneiras de interagir verbalmente. Com base nos postulados de Possenti (1999), podemos afirmar que a gramática normativa é um conjunto de regras para aqueles que desejam falar e escrever de forma “correta”, por exemplo, como a regra que preconiza que o verbo deve concordar com o sujeito.

Travaglia (2001) defende que a gramática é um manual com regras de como usar a língua e como seguir essas regras para se expressar de acordo com o contexto. Por isso, saber tais regras e saber utilizá-las é o que proporciona identificar se uma pessoa sabe ou não gramática. Nesse sentido, Travaglia (2003) afirma que a gramática normativa é aquela que estuda apenas os fatos da língua padrão, sendo um tipo de lei a ser seguida na sociedade, pois esse tipo de gramática é estudada por pessoas cultas que utilizam a variação de prestígio e essa variante da língua denomina-se “norma culta”, “variante padrão” ou “dialeto padrão”.

A gramática descritiva, por sua vez, tem como objetivo orientar o trabalho dos

linguistas, no sentido de descrever os fatos linguísticos em diversas situações, buscando explicar os fenômenos relacionados à língua. Corroborando com essa afirmação, Possenti (1999, p. 34) estabelece que a gramática descritiva é “um conjunto de regras que são seguidas, cuja preocupação é descrever ou explicar as línguas como elas são faladas”. Na visão de Travaglia (2001, p. 30), “a gramática descritiva é a que descreve e registra, para uma determinada variedade da língua, um dado momento de sua existência, tratando os dados sincronicamente”.

Em controvérsia ao que apontam as gramáticas normativa e descritiva, a gramática internalizada, segundo Possenti (1999, p. 17), é caracterizada como “um tipo de conhecimento que habilita o falante a produzir e interpretar frases, textos, discursos, a partir de situações concretas de uso”. Sob o mesmo ponto de vista, Travaglia (2003, p. 27) aponta que a gramática internalizada apresenta “o conjunto das regras que o falante de fato aprendeu e, das quais lança mão ao falar”. Pode-se dizer, então, que o saber adquirido pelo falante durante seu desenvolvimento e experiências de vida são base para ter conhecimento dessa gramática, não necessitando, exclusivamente, dos saberes escolares ou formais. Travaglia (2001, p. 21) ainda destaca que, na gramática internalizada, ‘não há erro linguístico’, mas a inadequação da variedade linguística utilizada em uma determinada interação comunicativa”.

Além dessas considerações apresentadas por Travaglia, temos também a gramática pedagógica, apresentando-se de forma mais flexível e direcionada para a prática e que tem como finalidade adaptar os conceitos e regras gramaticais de maneira acessível e compreensível para os alunos, facilitando o aprendizado e a aplicação da língua, na fala e/ou na escrita, trazendo explicações claras e exemplos contextualizados.

Cunha e Cintra (2016), por sua vez, apresentam conceitos para o estudo da língua por meio de uma abordagem pedagógica na obra “Nova gramática do Português

Contemporâneo”, desenvolvendo explicações e utilizando exemplos de aplicação em contextos comunicativos. Bagno (2012) complementa os conceitos dos autores ao abordar a diversidade linguística do português falado no Brasil e propõe métodos de ensino que considerem a variedade linguística como parte do processo de aprendizagem. O autor defende uma visão mais inclusiva e contextualizada da gramática por meio de obras como “*Preconceito Linguístico*” (Bagno, 1999), que trata da relação das variações do português; “*A Língua de Eulália*” (Bagno, 2006), que considera as possibilidades da língua além da língua padrão; e, ainda, a “*Gramática pedagógica do português brasileiro*” (Bagno, 2012), que propõe a reflexão sobre a língua em atividades epilinguísticas, considerando a gramática um meio de aprender a língua de forma dinâmica e diversa.

Como afirma Bagno (2012, p. 504):

A gramática não é, a gramática *está* – está se fazendo e se refazendo a todo momento. Por isso, o estudo e o eventual ensino da gramática têm de ser feitos com a consciência desse dinamismo da língua, da provisoriade – sempre válida – de qualquer tentativa de apreendê-la e analisá-la.

Sob esse enfoque, embora a gramática estabeleça regras, a língua, por ser dinâmica, sempre põe a gramática em constante fazer e se refazer, ou seja, está sempre à disposição da língua. Nesse sentido, faz-se imprescindível estudar a língua a partir do uso que dela fazemos, isto é, com o foco na epilinguagem que, na ótica de Miller (2003, p. 1) é “o exercício da reflexão sobre o texto lido/escrito e da operação sobre ele, a fim de explorá-lo em suas diferentes possibilidades de realização”. Em razão deste propósito, a língua não deve ser trabalhada a partir da regra pela regra, com o foco na metalinguagem, que “é a capacidade de falar sobre a linguagem, descrevê-la e analisá-la como objeto de estudo” (Miller, 2003, p. 1).

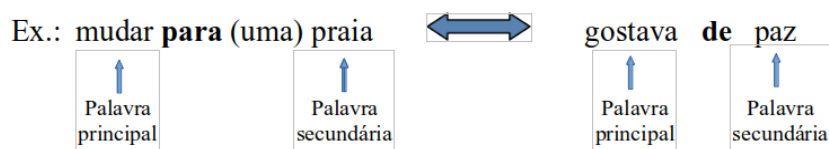
Não há dúvida de que a metalinguística pode ser considerada uma perspectiva de

abordagem importante, por instigar os alunos à reflexão sobre a estrutura da língua no contexto gramatical de uso. No entanto, a memorização de regras gramaticais fica em primeiro plano, não promovendo a reflexão sobre a funcionalidade da língua em uso. Em contrapartida, a abordagem epilinguística tem como eixo de discussão as possibilidades reais de uso das estruturas gramaticais, e centra-se no uso adequado da linguagem em diferentes situações, de forma natural e contextualizada.

Uma vez que o objetivo deste estudo é fazer uma análise sobre o tratamento dado às preposições na gramática normativa “Aprender e praticar gramática”, de Ferreira (2019), e no Livro didático da EJA “Linguagens e culturas”, de Almeida (2013), passemos, então, à seção seguinte.

### 3 O ESTUDO DAS PREPOSIÇÕES, SEGUNDO A GRAMÁTICA PRESCRITIVA “APRENDER E PRATICAR GRAMÁTICA”

A gramática prescritiva da língua portuguesa, analisada neste artigo, define a preposição como “palavra invariável que liga duas outras palavras, estabelecendo entre elas determinadas relações de sentido e/ou de dependência” (Ferreira, 2019, p. 415). Este autor caracteriza essas relações de palavras como vínculos, utilizando as preposições, nas quais uma delas funciona como **palavra principal** (mais importante) e a outra, como **secundária**:




De acordo com o autor, no primeiro exemplo: “mudar para uma praia”, a preposição “para” relaciona a palavra “mudar” com a palavra “praia”, expressando o sentido ou a ideia de lugar. Já no segundo exemplo: “gostava de paz”, a preposição “de” não estabelece relação




de sentido, ela apenas cria uma dependência entre as duas palavras, complementando somente o sentido do verbo “gostar”.


Quanto à classificação das preposições, na gramática prescritiva, Ferreira (2019, p. 416) apresenta uma subdivisão dessa classe gramatical em dois grupos: As preposições essenciais e acidentais. “**Essenciais:** Palavras que exercem exclusivamente o papel de preposição. **Acidentais:** Palavras de outras classes que, ocasionalmente, funcionam como preposição”.

Para ilustrar essa subdivisão, Ferreira (2019, p. 416) explica a ocorrência das preposições acidentais, por exemplo, a mudança da classe gramatical do vocábulo “fora”, que, a princípio, trata-se de advérbio de lugar, no entanto modifica sua função em certas frases, quando seu sentido passa a ser “exceto”, funcionando, assim, como preposição acidental.

Ex.: Ela dormirá **fora** esta noite.  Ela estuda todo dia, **fora** domingo.



Advérbio  
de  
Lugar



Preposição  
Acidental  
(fora = exceto)

Para explicar a ocorrência das locuções prepositivas que relacionam duas palavras, Ferreira (2019, p. 416) traz uma nota resumo contendo duas explicações:

1. Às vezes, o vínculo entre duas palavras é estabelecido por uma expressão, e não por uma única palavra. Nesses casos, a expressão é denominada locução prepositiva.


Ex.:

abaixo de – até a – por causa de – acima de – de acordo com – defronte a  
– atrás de – perto de – ao lado de – devido a

2. Algumas preposições podem se juntar a outras palavras, formando com elas um só vocábulo.

Ex.: **Nas** noites calmas de outono, ele ia, **pela** praia, **à** vila **dos** pescadores.

 Em + as

 por/per + a

 a + a

 de + os

No que se refere às relações semânticas das preposições, o autor ressalta a

importância do emprego das preposições em enunciados pois, dessa forma, essas preposições apresentarão sentido para os alunos. Sendo assim, de acordo com Ferreira (2019, p. 417), “isoladamente, as preposições e as locuções prepositivas são vazias de sentido; não têm significado algum. Nos enunciados, no entanto, elas são fundamentais para expressar uma ampla variedade de relações semânticas”.

Para finalizar o estudo das preposições na gramática prescritiva analisada, o autor apresenta, ainda, um quadro com as preposições mais comuns, exemplificando as suas relações de sentido que se estabelecem com mais frequência:

**Quadro 1** - Preposições mais comuns, as relações de sentido e exemplos

<b>A</b>
<i>Distância</i> – A cachoeira fica <b>a</b> dois quilômetros da rodovia. <i>Lugar</i> – Muitos desabrigados tiveram que dormir <b>ao</b> relento. <i>Modo</i> – Ouviam-se algumas pessoas conversando <b>à</b> meia voz. <i>Tempo</i> – A reunião será <b>às</b> dez horas ou <b>ao</b> meio-dia?
<b>COM</b>
<i>Causa</i> – <b>Com</b> o inverno, os pastos ficam totalmente secos. <i>Companhia</i> – Os exploradores desceram o rio <b>com</b> um guia. <i>Instrumento</i> – <b>Com</b> uma chave de fenda, foi fácil abrir a porta. <i>Modo</i> – O porteiro respondeu <b>com</b> desconfiança à pergunta. <i>Oposição</i> – O judoca brasileiro lutará <b>com</b> adversários experientes.
<b>DE</b>
<i>Assunto</i> – Em nossas conversas, ele sempre falava <b>da</b> família. <i>Causa</i> – As crianças pulavam e gritavam e gritavam <b>de</b> felicidade. <i>Especificação</i> – Roupas <b>de</b> passeio é o que ela mais tem. <i>Lugar</i> – Nosso amigo chegará no ônibus que vem <b>de</b> Belo Horizonte. <i>Posse</i> – Íamos às pescarias no velho carro <b>de</b> meu irmão.
<b>EM</b>
<i>Lugar</i> – Por que muitas igrejas eram construídas <b>no</b> alto dos morros? <i>Modo</i> – Todos ouviam <b>em</b> silêncio o que o velho dizia. <i>Tempo</i> – Segundo a previsão, a estrada será asfaltada <b>em</b> dez meses.
<b>PARA</b>
<i>Lugar</i> – Seu sonho era mudar-se <b>para</b> uma agitada metrópole. <i>Finalidade</i> – O clube já está todo preparado <b>para</b> a grande festa. <i>Tempo</i> – <b>Para</b> a semana, a documentação do carro estará pronta.
<b>POR</b>

<p><i>Causa</i> – <b>Por</b> ser o menorzinho da turma, tinha que jogar no gol.  <i>Lugar</i> – O majestoso rio São Francisco passa <b>por</b> muitas cidades.  <i>Tempo</i> – <b>Por</b> mais de uma hora, ele tentou consertar o carro.  <i>Substituição</i> – Fique bem atento para não levar o gato <b>por</b> lebre.</p>
<b>SOBRE</b>
<p><i>Assunto</i> – Ganhei um livro <b>sobre</b> o aquecimento global.  <i>Lugar</i> – De manhã, havia <b>sobre</b> a grama uma camada de neve.</p>

**Fonte:** Ferreira, 2019, p. 417-418.

O quadro 1 demonstra a intenção do autor em apresentar algumas preposições, utilizando frases aleatórias. No entanto, nota-se que a exploração das frases acontece de forma contextualizada e, também, não se apresentam questões que possibilitem a internalização do conteúdo por parte dos alunos, sendo necessária a exploração de mais exemplos para cada preposição, incluindo trechos de músicas, falas de filmes etc. Essa observação quanto à descontextualização das frases é ratificada por Antunes (2014, p. 81):

As restrições impostas pelo limite das frases soltas (ou isoladas do texto) se sustentam, exatamente, pela circunstância de que não tem ‘circunstância’, pois se encontram descontextualizadas, isoladas de um contexto qualquer, que inclui interlocutores, intenções, pressupostos, modalidade de interação, por exemplo.

Partindo dessa ótica, percebe-se a necessidade de contextualização das frases, bem como uma preocupação com as escolhas linguísticas, uma vez que, em alguns exemplos, há vocábulos e expressões que podem causar dificuldade de compreensão dos alunos, devido ao desconhecimento do(s) sentido(s) nas frases. Em: “Ouviam-se algumas pessoas conversando à meia voz”, a expressão destacada faz referência ao volume e/ou à entonação da voz, mas trata-se de uma locução adverbial que pode ser desconhecida pelos alunos, dificultando, assim, o entendimento de “à”. Para complementar as constatações, analisamos alguns exercícios apresentados na gramática de Ferreira (2019), os quais abordam as concepções de preposições.

**Figura 1** - As preposições: concepções e usos

**1.** Na estruturação dos enunciados, o papel da **preposição** é relacionar (vincular) duas palavras, posicionadas, usualmente, uma antes e outra depois da própria preposição. No entanto, por diferentes razões, esse posicionamento pode ser alterado. Veja este exemplo:

**De madrugada**, um temporal assustador **caiu sobre** a cidade.  
 • **de**: relaciona "caiu" e "madrugada" (caiu de madrugada)  
 • **sobre**: relaciona "caiu" e "[a] cidade"

Nos trechos a seguir, identifique as palavras relacionadas entre si pelas preposições em destaque.

**a)** "Deus **ao** mar o perigo e o abismo deu  
 Mas **nele** é que espelhou o céu"  
 [Fernando Pessoa]

**b)** "Sair assim (tudo esquecer talvez)  
 E ir andando, **pela** névoa lenta,  
**Com** a displicência **de** um fantasma inglês..."  
 [Mário Quintana]

**c)** "Ouviram **do** Ipiranga as margens plácidas  
**De** um povo heroico o brado retumbante"  
 [Joaquim Osório Duque Estrada]

**d)** "Neste mês, **sobre** as frutas maduras cai o  
 beijo áspero **das** vespas."  
 [Cecília Meireles]

Fonte: Ferreira, 2019, p. 419.

A figura 1 apresenta uma questão que pode confundir o aluno no momento da resolução, pois os trechos apresentados são frases com um complexo nível estrutural e de interpretação, como na frase a) "Deus **ao** mar o perigo e o abismo deu" que apresenta maior grau de dificuldade na compreensão, devido à sua construção sintática e à inversão da ordem das palavras. Essa inversão canônica pode causar dificuldade na compreensão de uma frase, pois a estrutura normal da frase em português geralmente segue a ordem sujeito/verbo/complemento (SVC).

A escolha das frases, que são pequenos trechos de obras literárias, assim como a escolha dos autores, que não favorece a interpretação nem faz ligação com o contexto cultural e social da maioria dos alunos, por distanciar-se da realidade deles ou por apresentar um vocabulário que não é comum nos processos de interação dos discentes. Outro exemplo citado foi o trecho do hino nacional "Ouviram **do** Ipiranga às margens plácidas **De** um povo heroico o brado retumbante", que também apresenta características similares ao exemplo anterior.

Figura 2 - As preposições: concepções e usos (cont.)

3. Nos enunciados a seguir, a preposição **por** ocorre isoladamente e também combinada com o artigo **o** (**pelo** = **por** [per] + **o**). Leia-os e responda aos itens de a a c.

1. Ele viajou **pelo** mundo inteiro defendendo a paz.
2. Ele ficou conhecido **pelo** mundo inteiro **por** defender a paz.

- a) Que relação semântica a preposição estabelece no enunciado 1?
  - b) A forma "por" (enunciado 2) estabelece que tipo de relação semântica?
  - c) É válido dizer que, em 2, a forma "pelo" estabelece uma relação semântica ambígua? Justifique.
4. (FURG-RS) Leia este trecho de texto:

[...] Que a prática de esportes faz bem para o corpo, tonifica os músculos e melhora a capacidade respiratória, todo mundo já sabe. Mas os cientistas descobriram que, muito além dos benefícios para o corpo, os exercícios são ótimos para a saúde do cérebro. Não é novidade, por exemplo, que fazer artes marciais, dança, natação, esportes coletivos – e até jogar peteca – favorece o bombeamento de sangue, o que indica mais oxigênio pelo corpo, inclusive para as células da massa cinzenta. Isso significa que quem faz exercícios físicos regularmente tem risco menor de sofrer pequenos e grandes AVCs (acidentes vasculares cerebrais), que colocam a mente e a vida em perigo. [...]

Rafael Tonon. Revista *Vida Simples*. São Paulo: Abril, jul. de 2009. p. 51.

As palavras **até** (linha 6) e **Inclusive** (linha 7) pressupõem para o leitor que

- a) jogar peteca é mais fácil que dançar; e que o oxigênio é importante para o nosso cérebro.
  - b) jogar peteca é considerada uma atividade menos importante do que fazer artes marciais, dança, natação e esportes coletivos e que praticar exercícios também é importante para as células de massa cinzenta.
  - c) jogar peteca não favorece o bombeamento de sangue e as células de massa cinzenta precisam de mais oxigênio.
  - d) jogar peteca indica mais oxigênio pelo corpo e praticar exercícios também é importante para as células de massa cinzenta.
  - e) é novidade o que os cientistas descobriram.
5. No romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o narrador-personagem, rememorando um de seus relacionamentos amorosos, declara:

**Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis.**

(Machado de Assis)

Nesse fragmento, a preposição **durante** estabelece uma dupla relação semântica que:

- a) indica tempo e causa, exprimindo uma contradição do sentimento do narrador-personagem em relação a Marcela.
- b) indica tempo e causa, realçando a sinceridade do sentimento de Marcela em relação ao narrador-personagem.
- c) indica tempo e modo, revelando, por meio de uma hipérbole, a saudade que o narrador-personagem sente de Marcela.
- d) indica tempo e preço, evidenciando a ironia por meio da qual o narrador-personagem se refere a seu relacionamento com Marcela.
- e) indica tempo e preço, exprimindo, sob a forma de uma metáfora, a indignação do narrador-personagem em relação a Marcela.

Fonte: Ferreira, 2019, p. 420.

Na figura 2, nota-se que o autor trata das preposições por meio de exercícios

propostos, a partir de enunciados, com questões abertas e, também, questões de múltipla escolha. No entanto, o autor explora o conteúdo, nos exercícios, sem contextualização, trazendo questões das provas de vestibulares, que são elaboradas com exemplos de trechos curtos e de frases sem conectividade com a realidade dos alunos, os quais diferem dos estudos literários realizados em sala de aula. Para exemplificar, temos a questão 5, em que o autor apresenta somente uma frase da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis”.

Desse modo, constatamos que a gramática prescritiva de Ferreira (2019) enfatiza a importância das preposições na construção de frases, destacando a função de ligar palavras e expressar relações de tempo, lugar, causa, entre outros. Observamos, no entanto, que essa gramática aborda os conteúdos gramaticais de forma engessada, sem contextualização, como também utiliza nos exercícios estruturas complexas e desafiadoras para a compreensão dos alunos. Finalizamos, pois, a análise dessa gramática com a reflexão de Antunes (2014, p. 106) de que “*não se deveria começar o estudo da gramática pelo rosário das classes gramaticais*, agravado com as tarefas metalinguísticas, complexas e nebulosas”, ou seja, não devemos estudar gramática pela gramática e nela estancar.

#### **4 O ESTUDO DAS PREPOSIÇÕES NO LIVRO DIDÁTICO DA EJA – MÉDIO: LINGUAGENS E CULTURAS (2013)**

O Livro Didático, utilizado na modalidade EJA – Ensino Médio, é disponibilizado em volume único e cada ano escolar recebe a denominação de etapa, a qual, por sua vez, abrange unidades de estudo que se dividem em seções. A seção que trata dos conhecimentos gramaticais recebe o título *Análise Linguística*. Nesta seção, o aluno tem a oportunidade de (re)conhecer recursos linguísticos empregados, o que ocorre inicialmente pela exploração

textual, neste caso do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, além de apresentar exemplos, explicações e reflexões, a partir de partes do próprio texto, voltados para a reflexão dos sentidos das preposições, fazendo uso da norma-padrão referente ao contexto da época em que foi escrito. Como afirma Almeida (2013, p. 94): “Machado de Assis empregava a norma-padrão de modo bastante peculiar, [...] com as construções linguísticas raras utilizadas por ele, não usuais nos textos de nosso cotidiano; por exemplo, ‘gratificar-se-á generosamente’, ‘via-se-lhe pela cara’”.

Além disso, é importante esclarecer que o estudo das preposições, no Livro Didático em análise, foi explanado somente na Etapa 1, referente ao primeiro ano do Ensino Médio. Esse estudo se faz por meio de análise textual, em que o aluno, após ler o texto, é conduzido a realizar algumas atividades de compreensão textual e análise linguística para identificar os sentidos que a preposição imprime, inicialmente, ao título do texto, trabalhando-se a ideia com outras preposições de mesmo sentido que pudessem substituir a preposição do título e, posteriormente, apresenta um quadro contendo as preposições e suas definições.

**Figura 3** - Análise linguística: as preposições a partir do título do texto

<p><b>1.</b> No título “Pai contra mãe”, que palavra é extremamente reveladora quanto ao conteúdo a ser encontrado pelo leitor? Justifique.</p> <p>.....</p> <p>.....</p> <p><b>2.</b> Das palavras a seguir, circule aquela que poderia substituir a palavra “contra” do título, sem alterar demasiadamente o sentido da narrativa.</p> <p style="text-align: center;">após      sem      até      por      perante</p> <p><b>3.</b> Que alterações essa substituição promoveria?</p> <p>.....</p> <p>.....</p> <p><b>4.</b> De acordo com a gramática, “preposição é a palavra invariável que relaciona dois termos. Nessa relação, um termo completa ou explica o sentido do outro”. As palavras “contra” e “perante” correspondem a essa definição. Justifique essa afirmação.</p>
--

**Fonte:** Almeida *et al.*, 2013, p. 95.

Somente depois de instigar nos alunos a curiosidade pela compreensão textual e a

análise dos elementos linguísticos, por meio dessas questões, inicia-se a abordagem das várias preposições, através de um quadro explicativo, contendo a definição de preposição, a divisão em duas classificações – essenciais e acidentais – e ainda o emprego de alguns exemplos de locuções prepositivas, assim como na gramática prescritiva. Além disso, apresenta as várias relações que as preposições estabelecem entre dois termos, sendo essa relação denominada de regência. Outro aspecto apontado está relacionado à ênfase de que as preposições podem se combinar com outros vocábulos para formarem outras palavras. E, por último, mostra de forma resumida, alguns exemplos de contração ocasionados pelo uso da crase.

**Figura 4 - A relação estabelecida pelas preposições**

<p><b>Preposição</b></p> <p>As preposições são palavras invariáveis que relacionam dois termos. Nessa relação, um termo completa ou explica o sentido do outro. Elas classificam-se em essenciais e acidentais. As essenciais só funcionam como preposições: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás. Já as acidentais são palavras que pertencem a outras classes gramaticais, mas, às vezes, funcionam como preposições, tais como: afora, como, conforme, consoante, durante, mediante etc.</p> <p>A relação que as preposições estabelecem entre dois termos é chamada de regência. Algumas das relações estabelecidas pela preposição ou locução prepositiva são: de ausência, de assunto, de causa ou motivo, de companhia, de concessão, de conformidade ou modo, de direção, de finalidade, de instrumento, de lugar, de matéria, de oposição, de origem, de posse, de tempo, dentre outras. É bom destacar que, no entanto, nem sempre é possível determinar essa relação.</p> <p>A locução prepositiva é um grupo de duas ou mais palavras com valor de preposição, tais como: abaixo de, acima de, além de, apesar de, junto de, por trás de, devido a, em função de, por causa de etc. Esse grupo de palavras sempre termina com uma preposição.</p> <p>Algumas preposições combinam-se com outras palavras, constituindo um novo vocábulo.</p>	<p><b>de</b></p> <p>de + o = do de + a = da de + ele(a) = dele(a) de + este(a) = deste(a) de + isto = disto de + esse(a) = desse(a) de + isso = disso de + aquele(a) = daquele(a) de + aqui = daqui de + ali = dali</p>	<p><b>em</b></p> <p>em + o = no em + a = na em + ele(a) = nele(a) em + este(a) = neste(a) em + isto = nisto em + esse(a) = nesse(a) em + isso = nisso em + aquele(a) = naquele(a) em + um(a) = num(a)</p>				
	<p><b>a</b></p> <p>a + o = ao a + os = aos a + onde = aonde</p>	<p><b>per</b></p> <p>per + o = pelo per + a = pela per + os = pelos per + as = pelas</p>				
	<p>Existem os casos de contração de preposições:</p> <table border="1"> <tr> <td colspan="2"><b>Preposição a + artigo feminino a</b></td> </tr> <tr> <td>a + a = à</td> <td>a + as = às</td> </tr> </table>		<b>Preposição a + artigo feminino a</b>		a + a = à	a + as = às
	<b>Preposição a + artigo feminino a</b>					
a + a = à	a + as = às					
<table border="1"> <tr> <td><b>Preposição + pronomes demonstrativosaquele(s), aquela(s), aquilo</b></td> </tr> <tr> <td>a + aquele(s) = àquele(s) a + aquela(s) = àquela(s) a + aquilo = àquilo</td> </tr> </table> <p><b>Observação:</b> a contração é marcada com o acento grave (`).</p>		<b>Preposição + pronomes demonstrativosaquele(s), aquela(s), aquilo</b>	a + aquele(s) = àquele(s) a + aquela(s) = àquela(s) a + aquilo = àquilo			
<b>Preposição + pronomes demonstrativosaquele(s), aquela(s), aquilo</b>						
a + aquele(s) = àquele(s) a + aquela(s) = àquela(s) a + aquilo = àquilo						

**Fonte:** Almeida *et al.*, 2013, p. 95.

A figura 4 apresenta, de forma resumitiva, a definição sobre preposição, sua



classificação em essenciais e acidentais, sem trazer maiores detalhes. Em seguida, faz uma explanação sobre a relação ou a regência entre os termos. Essa introdução ao conteúdo gramatical é apresentada de forma elementar, com poucos exemplos para o alcance da compreensão por parte dos alunos de EJA, especialmente.

Após apresentar o quadro, busca-se constatar a compreensão dos alunos por meio de outras questões que envolvam frases contextualizadas no texto lido anteriormente. Essas questões são as seguintes:

### Figura 5 - Exercícios propostos sobre preposições

As preposições destacadas nas frases a seguir estabelecem um tipo de relação entre os termos que unem. Para cada preposição em destaque, indique a relação mais coerente.

- |                          |  |
|--------------------------|--|
| (A) instrumento          | ( ) Imaginai uma coleira grossa fechada atrás <b>com</b> chave.                    |
| (B) oposição             | ( ) O escravo deitava a correr <b>sem</b> conhecer as ruas da cidade.              |
| (C) ausência             | ( ) Quem perdia um escravo <b>por</b> fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. |
| (D) causa                | ( ) Punha anúncios nas folhas públicas, <b>com</b> os sinais do fugido.            |
| (E) lugar                | ( ) Muita vez o anúncio trazia <b>em</b> cima ou ao lado uma vinheta.              |
| (F) finalidade           | ( ) Protestava-se com todo o rigor da lei <b>contra</b> quem o acoutasse.          |
| (G) modo ou conformidade | ( ) Era preciso gratificar <b>para</b> reaver o negro fugido.                      |
| (H) posse                | ( ) Ali mesmo o senhor <b>da</b> escrava abriu a carteira.                         |

<p><b>6.</b> Tente descobrir, no período a seguir, que preposições estabelecem as relações de <b>origem e direção</b>.</p> <p>Pegou a criança, saiu de casa e rumou para a rua dos Barbonos.</p>
<p><b>7.</b> Nas frases a seguir, localize onde há combinações semelhantes às do quadro <b>Preposição</b>. Consulte-o para separar o artigo da preposição, a fim de que fiquem mais visíveis.</p> <p>Protestava-se com todo o rigor <b>da</b> lei contra quem o acoutasse.</p>
<p><b>e)</b> Mal lhe deram algum leite; mas, como chovesse à noite, assentou o pai levá-lo à roda na noite seguinte.</p>
<p><b>f)</b> Tratava-se de uma mulata; vinham indicações de gesto e de vestido. Cândido Neves andara a pesquisá-la sem melhor fortuna, e abrira mão do negócio.</p>
<p><b>g)</b> Eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser.</p>
<p>tidão para outros trabalhos, acaso e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.</p> <p>Fonte: Almeida <i>et al.</i>, 2013, p. 96.</p>
<p><b>c)</b> Quando veio a paixão da moça Clara, não tinha ele mais que dívidas, ainda que poucas, porque morava com um primo, entalhador de ofício.</p>
<p><b>d)</b> O credor entrou e recusou sentar-se, deitou os olhos à mobília para ver se daria algo à penhora; achou que pouco.</p>

Observa-se, nas questões 5 e 6, que, mesmo de forma tímida, há uma preocupação em fazer o aluno entender os sentidos das preposições, partindo da observação das relações que se estabelecem entre os elementos linguísticos constituintes de cada enunciado. Esse exercício, que aborda frases do texto lido, demonstra uma preocupação do autor em trabalhar a compreensão dos sentidos que cada preposição apresenta, partindo da contextualização da leitura de uma obra literária.

No entanto, a questão 7 objetiva apenas o entendimento mais prescritivo no que se refere às preposições. Nesse caso, o aluno limita-se apenas a observar como as preposições são formadas, sem uma análise mais precisa acerca dos sentidos e significados dessas palavras. Isso faz lembrar o que postula Antunes (2014, p. 50):

De qualquer forma, pretendo ressaltar que não basta dar a definição de preposição, ou apresentar a lista das preposições mais comuns, por exemplo. *Vincular cada uma das classes ou das categorias gramaticais à produção de sentidos, numa situação de interação, é que, de fato, configura explorar a gramática como um componente (apenas um) da atividade da linguagem.*

É importante ressaltar que uma questão como essa poderia ser explorada para desenvolver uma análise textual mais específica de acordo com cada passagem do texto, pois se trata de uma obra que apresenta uma complexidade semântica e linguística de difícil compreensão para os alunos, principalmente estudantes da modalidade EJA.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da análise das preposições na Gramática Tradicional do Português “Aprender e praticar gramática”, do autor Mauro Ferreira (2019), para o Ensino Regular, e no livro didático da EJA – Médio, Linguagens e Culturas, da autora Neide Aparecida de Almeida (2013), observamos que ambos apresentam o conteúdo das preposições com algumas semelhanças, entretanto, com divergências de abordagem.

Os estudos apontaram, nos dois materiais analisados, que as abordagens referentes às preposições encontram-se ancoradas, de forma predominante, nas raízes metalinguísticas. Isso significa dizer que, mesmo de maneira limitada, observa-se certo cuidado ao tratar dos possíveis sentidos que as preposições podem transmitir, evidenciando, portanto, uma perspectiva de abordagem epilinguística.

Tanto a Gramática como o Livro Didático utilizam quadros expositivos com as concepções das principais preposições: as essenciais e as acidentais, valendo-se, dessa forma, de uma visão metalinguística. Além disso, também trazem exercícios que trabalham os sentidos que as preposições podem desempenhar.

Observamos na gramática de Ferreira (2019) que o autor enfatiza a importância do emprego das preposições em enunciados que façam sentido para o aluno, mas de forma descontextualizada. Ainda apresenta um quadro com algumas relações semânticas com o objetivo de explorar os sentidos e os significados possíveis no contexto limitado de uso de cada preposição. Nesse sentido, podemos dizer que o autor não se utilizou da epilinguagem para tratar e expor o conteúdo.

Além disso, as atividades da gramática diferem também das atividades do livro em relação à forma como foram elaboradas: no livro, a autora parte de um texto, com seu contexto e significados, para trabalhar os sentidos das preposições dentro desse texto; já na gramática, o autor utiliza-se apenas de enunciados e frases descontextualizadas para trabalhar esses sentidos.

Também vimos que o Livro Didático demonstra a preocupação em contextualizar os exemplos trazidos para facilitar o entendimento do aluno, iniciando pela leitura e compreensão de um texto para compreender a relação de significado das preposições que aparecem desde o título ao longo de todo o texto. Ademais, apresenta-nos, por meio de uma atividade prática, os sentidos que as preposições podem estabelecer em um enunciado. Apesar do livro trazer um número reduzido de questões, observa-se a ênfase no sentido das preposições.

Logo, percebe-se uma linha de trabalho parecida entre os autores das referidas obras, pois ambos tratam o conteúdo das preposições de forma bem similar. Mesmo a gramática sendo normativa, traz sentidos variados, por meio de enunciados para as preposições. Assim como a gramática prescritiva, o Livro Didático do ensino médio da EJA também aborda esses sentidos, apesar de tratar o conteúdo de forma sucinta, pois é uma característica desse livro e não apenas desse conteúdo.

Este artigo nos possibilitou a oportunidade de refletir acerca do conteúdo das

preposições e da forma como é trabalhado em materiais diferentes: a gramática normativa e o Livro Didático da EJA. Desse modo, a partir desse estudo e, por meio da análise comparativa, concluímos que tanto os livros didáticos como as gramáticas precisam abordar aspectos gramaticais numa abordagem epilinguística, enfatizando este estudo a importância de viabilizar ao aluno o aprendizado dos significados propostos e possíveis dos elementos gramaticais em um enunciado ou em um texto.

É fundamental que os docentes de Língua Portuguesa analisem as abordagens contidas nas gramáticas e, em especial, a gramática pedagógica, que discute os conteúdos e apresenta propostas de atividades que respeitam as variações e contextualizam as diferentes possibilidades de comunicação e interação, principalmente na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Neide Aparecida de. **Linguagem e códigos: linguagens e culturas**. Coleção Viver, Aprender. Ensino Médio. Educação de Jovens e Adultos. São Paulo: Global, 2013.

AMPARO, Victor Martins do. **Operações de linguagem no ensino fundamental: a abordagem epilinguística no ensino de gramática**. 2016. 184 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Instituto Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Letras, Vitória, 2016.

ANTUNES, Irandé. No meio do caminho tinha um equívoco: gramática, tudo ou nada. *In*: BAGNO, Marcos (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola

Editorial, 2012.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo: FTD, 2019.

FRANCHI, Carlos. Criatividade e gramática. *In*: FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo 'gramática'?** São Paulo: Parábola, 2006.

MILLER, Stela. O trabalho epilinguístico na produção textual escrita. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPED: NOVO GOVERNO, NOVAS POLÍTICAS, 26., Poços de Caldas. **Anais [...]**. Poços de Caldas: ANPED, 2003.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 2001.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática**: ensino plural. São Paulo: Cortez, 2003.